Bastidores da pesquisa sobre as cartas de Afrânio do Amaral na casa de Paulo Vanzolini

Backstage of research on the correspondence of the Afrânio do Amaral at the home of Paulo Vanzolini

Myriam Elizabeth Velloso Calleffo[1]
Suzana Cesar Gouveia Fernandes[2]

Como zoólogo e músico, Paulo Emílio Vanzolini demonstrou que a disciplina, às vezes árdua e quase sempre sacrificante, caminha junto com uma certa sensibilidade que torna compreensível a dedicação para aquilo que vai além do que é esperado. Vanzolini tinha a habilidade de entender isso e trabalhou desta forma durante toda a sua vida, inclusive na pesquisa sobre as cartas de Afrânio do Amaral.

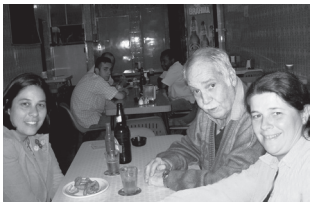
Afrânio Pompilio Bransford do Amaral foi diretor do Instituto Butantan em períodos distintos (1921, 1928 a 1938 e em 1953 a 1956). Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, passou muitos anos na Harvard University School of Public Health, em Boston, Estados Unidos. Desenvolveu sua carreira científica dedicando-se à Ofiologia e dirigindo os Institutos Butantan e o Antivenin Institute of America, quando que se destacou como filólogo e herpetólogo, além do envolvimento com as questões relativas à formação e gestão dos institutos públicos nacionais. Sua principal obra foi *Serpentes do Brasil - Iconografia Colorida* (1978), que teve grande repercussão nacional e internacional.

A despeito do pouco interesse que as correspondências de Afrânio do Amaral despertavam em Vanzolini, no que diz respeito à vida pessoal do cientista, ele viu a oportunidade de discutir a ciência por meio dessas cartas. Reconhecia, acima de tudo, o uso delas como uma fonte legítima para a análise de características da ciência nos institutos públicos brasileiros.

1
Bióloga formada pela PUC Campinas com Mestrado Profissionalizante em Turismo e Meio Ambiente pelo SENAC e Especialização em Arqueologia Brasileira pelo MAE/USP. Conheceu Vanzolini no inicio da década de 1990 pela interface com a arqueologia em estágio no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, e foi ele quem a introduziu na Herpetologia. Participou em várias consultorias ambientais coordenadas e/ou indicadas por Vanzolini. Lotada no Laboratório de Herpetologia do Instituto Butantan desde 1993, desenvolve pesquisa em herpetofauna e atua nas áreas de zoologia, zooarqueologia, etnobiologia e patrimônio no âmbito de coleções, políticas de conservação e biodiversidade de fauna silvestre. Participa desde 2008 em dois subprogramas do INCTtox com ações na Amazônia.

2
Historiadora, Mestre em Arqueologia e Doutora em História Social, ambos pela Universidade de São Paulo. É Diretora do Núcleo de Documentação do Centro de Desenvolvimento Cultural do Instituto Butantan desde 2010, onde desenvolve pesquisa nas áreas de patrimônio cultural e arquivos científicos no âmbito de acervos públicos de Ciência e Tecnologia. Também participa em dois subprogramas no

INCTtox, dos quais coordena um deles em História da Saúde de Belterra-PA, desde 2008. Iniciou parceria de trabalho com Vanzolini durante o Mestrado quando este colaborou na formulação das hipóteses relacionadas ao meio ambiente e organização social das populações pré-históricas da porção Centro-Norte do Estado de São Paulo. Como incentivador do doutoramento, tendo como objeto o Instituto Butantan entre as décadas de 1920 e 1940, Vanzolini coordenou a revisão e organização das correspondências do ex-diretor Afrânio do Amaral.



Fotografia 1
Suzana, Vanzolini e Myriam na Juriti.
Foto: Valdemar (o garçom), 2006.

Como resultado desta sua motivação foi possível a leitura de todas as cartas, a identificação dos envolvidos, entre pessoas e instituições, e os contextos inseridos nas temáticas abordadas ao longo do tempo, tornando-as fonte de pesquisa a respeito do Instituto Butantan e de Afrânio do Amaral entre as décadas de 1920 e 1980.

Tão importante quanto o resultado a que chegamos ao final da pesquisa, ou mesmo à quantidade de trabalho acumulado, foi termos sido privilegiadas e contagiadas pela generosidade do professor Vanzolini, pela sua sabedoria e sinceridade a cada dia de pesquisa.

Inicia-se a pesquisa: as correspondências

O acervo de Afrânio do Amaral, composto por 1800 cartas, foi doado pela neta do cientista a Paulo Vanzolini em 2003, tendo como intermediária Mariana Vanzolini, uma de suas filhas. Em julho de 2009, Vanzolini repassou, em nome da família de Afrânio do Amaral, todo o arquivo do cientista ao Instituto Butantan.

Com auxílio das autoras, Vanzolini leu, pesquisou e identificou, tanto quanto possível, interlocutores, assuntos e datas de cada uma delas. Ressaltamos que o possível foi, na verdade, muito mais do que podíamos imaginar de início. Acreditamos que ele próprio se espantou, na medida em que foi tomando gosto pela pesquisa, do quanto o círculo de relacionamento de Afrânio do Amaral era o mesmo de tantos outros herpetólogos da mesma geração ou um pouco mais novos, como era o caso do próprio Vanzolini. Desta forma, raras foram as temáticas e os interlocutores não identificados, restando poucas lacunas a serem solucionadas.

Após longas conversas entre Myriam e Vanzolini, e frente a um novo desafio, junto com a recém-contratada historiadora do Butantan, Suzana, resolvemos, numa mesa de bar na "A Juriti," iniciar a leitura das cartas, de que Suzana aproveitaria parte do conteúdo em seu doutoramento.

Myriam já vinha há anos trabalhando com Vanzolini no Museu de Zoologia da USP e em campo. Foi ele, mestre e amigo, quem a introduziu na Herpetologia do Instituto Butantan e, por isso, sabia bem que grande parte das decisões tomadas por ele na Juriti não eram esquecidas, pelo contrário, era nesse ambiente que a maioria das resoluções eram compartilhadas. Aprendíamos isso rapidamente, pois percebíamos que a paixão dele pelo trabalho não se esvaziava no decorrer das horas do dia; ele continuava a nos provocar, relacionando ciência e arte, passado e presente, com uma mistura inconfundível de seriedade e ironia.

Apesar da Juriti ser para nós um boteco no Cambuci, com paredes cobertas por azulejos antigos, balcão de aço inox e fórmica, funcionando há mais de 50 anos, para ele era quase a extensão da sua casa. Como o trabalho era encarado como uma mescla bem dosada de seriedade e prazer, as conversas eram intercaladas pelas famosas entradas e pratos de codorna, rã, frutos do mar, pastéis e a linguiça "Joana D'Arc", literalmente preparada no álcool em chamas. Tudo regado a uma boa cerveja gelada. Os garçons da velha guarda, ainda hoje recebem clientes de longa data tal como Vanzolini, como velhos amigos e assim não era preciso se esforçar muito para fazer o pedido e ser atendido rapidamente. Às vezes, chamávamos outras pessoas para nos encontrar na Juriti e, outras, ele mesmo tinha seus convidados. A mesa, no andar de cima, era sempre a mesma, o garçom, também o mesmo, era apelidado de "bigode" e, segundo Vanzolini, de "Saddam Hussein", pela aparência semelhante. A cerveja, Brahma, muito gelada, e o copo americano, que ele sempre exigia. Os convidados de Vanzolini, com frequência, eram seus ex-alunos, músicos, amigos e hóspedes do :Espaço"[3], e por lá passaram Celso Morato de Carvalho, Ronald Heyer[4], Marilia Kerr, Cristina Murgel, Fernando d'Horta e Carolina Castro-Mello, Ricardo Dias, Francisca do Val, entre outros queridos por ele.

Como não podia ser diferente, apesar do assunto já ter sido levantado algumas vezes, foi na Juriti que resolvemos seriamente começar a abrir as

3
O "Espaço" era como ele chamava a casa vizinha à dele na vila onde morava. Neste local funcionou durante um tempo o escritório da MVA Planejamento e Consultoria Ambiental S/C Ltda., e hospedava e recebia amigos e colegas para seus encontros de ciência e música.

4
W. Ronald Heyer é pesquisador do Museum of Natural History, da Smithsonian Institution, Washington. Herpetólogo amigo de Vanzolini, o acompanhou e coletou em vários trabalhos de campo e no Museu de Zoologia da USP colaborou na identificação e descrição de anfíbios. Geralmente vinha para São Paulo com sua esposa Miriam e ficavam hospedados no "Espaço".

caixas e olhar as cartas, sem ter noção do volume documental e de sua tipologia.

A partir de 29 de novembro de 2005, data que abrimos oficialmente as primeiras caixas que continham as cartas, recortes de jornal, postais e manuscritos diversos, material esse que ainda não foi totalmente identificado, nossas visitas a Vanzolini tornaram-se periódicas. Semanalmente nós duas saíamos do Butantan por volta da hora do almoço, às vezes fazíamos um lanche no caminho, outras vezes um almoço corrido na instituição, para chegar no horário e data combinados, não prejudicando o andamento da pesquisa. Vanzolini era muito rigoroso com horários e metódico com o serviço, realmente um sistemata. Olhava o tempo todo para o relógio e programava sua rotina de acordo com ele.

Esta era nossa rotina: duas horas da tarde, chegávamos à vila, travessa de uma rua, no Bairro do Cambuci. No interfone pedíamos para a Ana Bernardo, sua segunda esposa e companheira, abrir o portão e entrávamos com o carro. Na sala, ele sempre nos aguardava sentado em sua poltrona de couro, comprada segundo ele, em um "lixão" e posteriormente reformada. Após os cumprimentos, sempre, sem exceção, a primeira coisa que ouvíamos era: - *E Butantan?* Dizia ele... e assim iniciávamos um dia de trabalho. Após breve conversa nos dirigíamos à mesa e organizávamos o material da pesquisa depois de retirar as caixas de papelão que ficavam embaixo da escada, contendo as cartas. Ana havia separado este local para armazenarmos as caixas durante o período da pesquisa, e nos comprometemos em sempre deixar tudo organizado. Selecionávamos as cartas do dia e começava a leitura.

Quando pretendíamos ir até sua casa fora da data combinada, ligávamos para avisar e ele, ao atender, questionava, *Ana! Ana! As meninas podem vir aqui amanhã?* E em seguida respondia, *Venham! Depois do trabalho, Juriti*. Desligávamos o telefone já com sorriso estampado na cara; Trabalhar com Vanzolini, trocar ideias, discutir sobre herpetologia, relacionando-a a outras áreas como a história,

geografia, antropologia, arqueologia, artes e, depois tomar cerveja, era o máximo!

Vanzolini não permitiu que gravássemos a pesquisa, deixando claro que o mais importante não era a informação que ele partilhava, mas como nós três afinávamos nossos critérios para a catalogação das cartas. Claro que ainda achamos que teria sido um registro oral importantíssimo, pois muita coisa se perdeu entre as nossas conversas e as lembranças dele, mas, por outro lado, ganhamos em espontaneidade e disciplina, que aos poucos apuramos com a intenção em registrar cada fala que complementava o assunto discutido. Além disso, nos fartamos de registrar tudo com fotografias, como memória da pesquisa.

Fotografias 2
Suzana e Myriam na sala da casa, em tardes científicas com Vanzolini.
Foto: Calleffo e Fernandes, 2006 a 2008.

A casa como um ambiente científico

Trabalhávamos geralmente na mesa da sala onde o material era espalhado. A sala de Vanzolini era decorada por obras de arte, livros, telas e pinturas de Carybé, Marcelo Grassmann, Francisca do Val (Chica) e Zé Claudio, além de objetos que ele ganhava de seus amigos e alunos. Objetos como: réplicas de animais, estatuetas antropomórficas, peças arqueológicas, cachimbos e chapéus que remetem aos seus trabalhos de campo, ciência, arte e música. Uma mesa pequena no centro da sala foi feita do desmanche de um caixote de madeira sucupira, vinda do Acre, em viagem ao rio Purus com

Patterson, que o próprio Vanzolini quis e decorou com os azulejos de Arnaldo d'Horta.

Como a casa de Vanzolini era um sobrado, numa vila herdada de seu pai, vez ou outra, principalmente no inverno, trabalhávamos no quarto de TV, no andar de cima. Devido à idade e à dor nas pernas, que eram cada vez mais frequentes, pois sofreu várias operações na adolescência por um grave problema nos ossos, ele tinha dificuldade em subir e descer as escadas muitas vezes ao dia. Quando não estava trabalhando, se aconchegava numa poltrona articulada no quarto de TV onde ouvia notícias, via futebol, lia romances e *pocket books*, principalmente policiais. Ao lado de sua poltrona o telefone no qual ele prontamente atendia ao primeiro toque, *Pronto!*.

Nesse ambiente, Vanzolini lia cada carta e comentava, nós anotávamos os comentários e fazíamos questões pertinentes. Vez ou outra, relíamos a carta para destrinchar as dúvidas que, no geral, diziam respeito a assuntos em andamento e que, portanto haviam sido iniciadas em outra correspondência que, via de regra, aparecia na sequência. Quando isso não acontecia, cabia a nós a tarefa de tentar, pela data e interlocutor, descobrir onde o assunto começava. Não raro era ele quem resolvia estas questões, confirmação de sua boa memória. Em uma primeira triagem, separávamos em pilhas as cartas que iríamos ter que analisar novamente, as já resolvidas, as que seriam devolvidas à família[5] e as dúvidas. No final do dia, guardávamos as cartas lidas e já numeradas, nas novas pastas etiquetadas com as referidas datas-limite. As restantes eram conservadas nas caixas antigas e voltavam para baixo da escada, aguardando o próximo dia de trabalho. Nas etapas seguintes, após mais familiaridade com o conteúdo geral, a maioria delas foi rearranjada e algumas cartas chamaram a atenção por se referirem a assuntos que ainda hoje serviriam de referência para alguém e, neste caso, Vanzolini pedia para que informássemos ao interessado.

Por mais que tentássemos, não conseguíamos mensurar o número estimado de cartas que olhávamos por dia, pois tudo dependia da nossa disposição que, claro, variava muito entre ouvir mais e

5
Vanzolini tinha uma postura categórica quanto às correspondências pessoais (que versavam sobre a família) de Afrânio do Amaral. Em sua opinião tais correspondências deveriam ser reencaminhadas à família, se esta assim o desejasse. Durante o trabalho entramos em contato com a família de Afrânio do Amaral que entendeu que a correspondência deveria ser mantida junta, portanto permanecendo o conjunto intacto. Numa entrevista com a filha de Afrânio do Amaral, realizada em 2010, esta mesma postura foi reafirmada, quando a mesma sinalizou que acreditava que seu pai teria aprovado que fosse o Instituto Butantan o depositário das ações desenvolvidas pelo cientista ao longo de toda a sua carreira, que tanto se misturou com a sua vida particular.

perguntar menos, ou em terminar uma caixa que parecia infindável. Sempre, no meio da tarde, havia a pausa para o café, muito importante, já que os grãos trazidos da fazenda de Ricardo Dias, cineasta e amigo de Vanzolini, e produtor dos filmes, *No Rio da Amazonas*, *Calangos do Boiaçu* e *Um Homem de Moral*, eram muito elogiados. Aos poucos sentíamos que estava chegando a hora da fala: *Ana! Ana! Cadê o café? A Ana faz um ótimo café, ainda mais o café que Ricardo traz da fazenda*. Tomava café sempre forte e encorpado, puro e com pouco açúcar. Durante o café o assunto era outro. Mas de volta à mesa, retornávamos às cartas...

As correspondências foram classificadas por data, destinatário, remetente, assunto, instituição, localidade (cidade e país) e observações pertinentes, quando necessárias. Quando havia mais de uma página, ou cópia a ser encaminhada a outro destinatário, também anotávamos.

As cartas datam de 1923 a 1982 e, em sua maioria, tinham como destinatário o próprio Afrânio do Amaral. As exceções correspondiam aos casos em que a resposta era guardada e nos casos de trocas sistemáticas de correspondência que indicavam longos debates.

As correspondências provinham de diversas instituições, de colegas de profissão, de amigos pessoais, de políticos da época e de familiares. Os remetentes e as instituições chamavam mais a atenção de Vanzolini, que sempre fazia comentários sobre a importância de um ou a incompetência de outro, demonstrando, no entanto, sempre um enorme respeito pelas instituições ali representadas.

Como grande parte das cartas dizia respeito ao **Antivenin Institute** coube a Vanzolini esclarecer que esta instituições era composta de museus, laboratórios de pesquisa e produção para a divulgação sobre o antiveneno, além de serpentários nos Estados Unidos e no Panamá. Mas, segundo Vanzolini, o **Antivenin Institute**foi também o responsável por lançar um dos primeiros periódicos dedicado exclusivamente ao tema do ofidismo, o *Bulletin of the Antivenin Institute of America*. Essas observações de Vanzolini eram de extrema

importância, pois eram pistas para que pudéssemos aprofundar nossos conhecimentos.

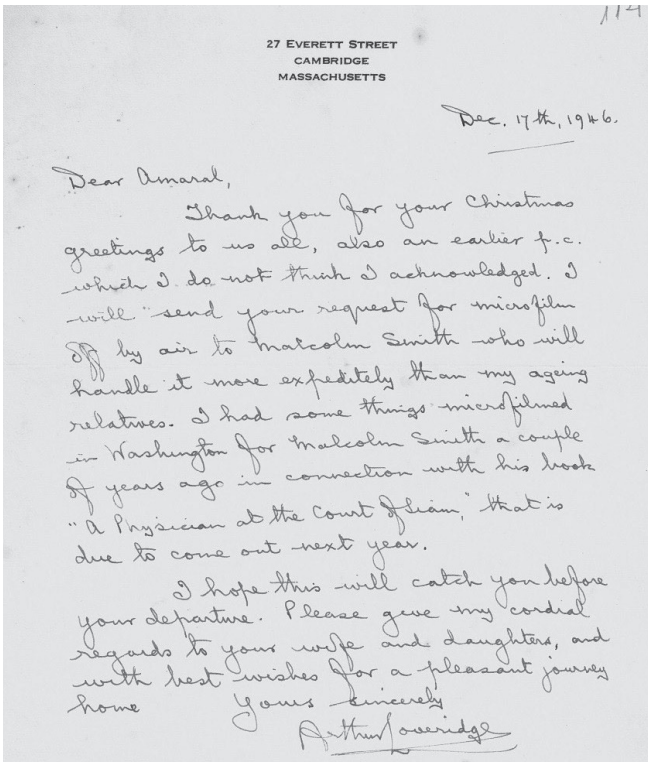
Seja pelo fato de ter frequentado muitas das instituições apresentadas nas cartas, como Harvard, Smithsonian, Museu Paulista, dentre outras, ou mesmo por ter conhecido as pessoas contatadas por Afrânio do Amaral, mantendo relações de amizade com muitas delas, Vanzolini nunca se acanhava em falar sobre os aspectos profissionais e não profissionais que faziam parte de suas lembranças.

Sempre comentava sobre a imensa variedade de instituições e de assuntos ao qual Afrânio do Amaral estava ligado, indicativos, segundo Vanzolini, de que o negócio de Afrânio não era a ciência em si, mas o que ela significava em termos de influência. Devido a isso, muitos assuntos eram inicialmente definidos como amenidades. Causou espanto o fato de que apenas uma parcela das cartas dizia respeito à Ofiologia, área na qual o cientista é reconhecido no Instituto Butantan. Seus interesses transitavam por temas correlatos como coleções zoológicas, nomenclatura zoológica, filologia, instituições públicas, educação e ética em ciência, colaboração internacional, mas pouco versavam sobre suas pesquisas no Butantan.

Dirigidas a vários países as correspondências em inglês, francês ou espanhol eram traduzidas por Vanzolini, bem como aquelas que apresentavam apenas siglas ou iniciais de nomes, instituições ou manuscritos com assinaturas que nos pareciam impossíveis de decifrar. Além disso, corrigia os nomes próprios e escrevia por extenso os nomes das instituições que normalmente apareciam em forma de siglas, como no exemplo a seguir:

Carta N° 114 (Figura 1)
Data: 17 de dezembro de 1946
De: Arthur Lowerdge – Cambridge – Massachusetts (EUA)
Para: Afrânio do Amaral
Assunto: sobre literatura. Afrânio do Amaral solicita microfilmes.

Corrigido por Vanzolini com detalhes:
De: Arthur Lowerdge - Museum of Comparative Zoology (MCZ) – Harvard University (EUA).



27 EVERETT STREET
CAMBRIDGE
MASSACHUSETTS

Dec. 17th, 1946.

Dear Amaral,

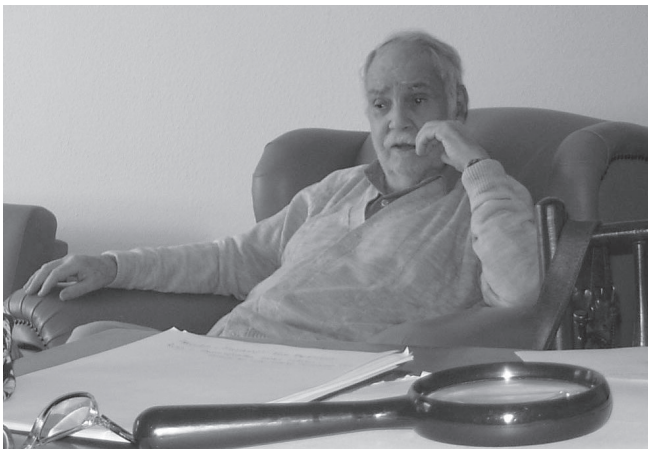
Thank you for your Christmas greetings to us all, also an earlier p.c. which I do not think I acknowledged. I will send your request for microfilm off by air to Malcolm Smith who will handle it more expeditely than my ageing relatives. I had some things microfilmed in Washington for Malcolm Smith a couple of years ago in connection with his book "A Physician at the Court of Siam," that is due to come out next year.

I hope this will catch you before your departure. Please give my cordial regards to your wife and daughters, and with best wishes for a pleasant journey home

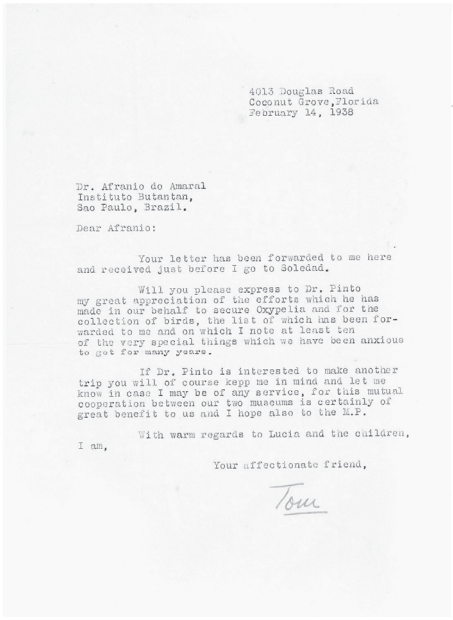
Yours sincerely

Arthur Loweridge

Figura 1
Manuscrito de Arthur Loweridge para Afrânio do Amaral (carta n°114)
Fonte: Acervo Instituto Butantan/ Núcleo de Documentação)
6
Thomaz Barbour, o Tom, foi diretor do Museum of Comparative Zoology (MCZ) de Harvard e, junto com Afrânio do Amaral, do Antivenin Institute of America.



Fotografia 3
Vanzolini em sua poltrona de couro na sala de sua casa, na pausa do trabalho.
Foto: M. E. V. Callefo, 2007.



4013 Douglas Road
Coconut Grove, Florida
February 14, 1938

Dr. Afranio do Amaral
Instituto Butantan,
Sao Paulo, Brazil.

Dear Afranio:

Your letter has been forwarded to me here and received just before I go to Soledad.

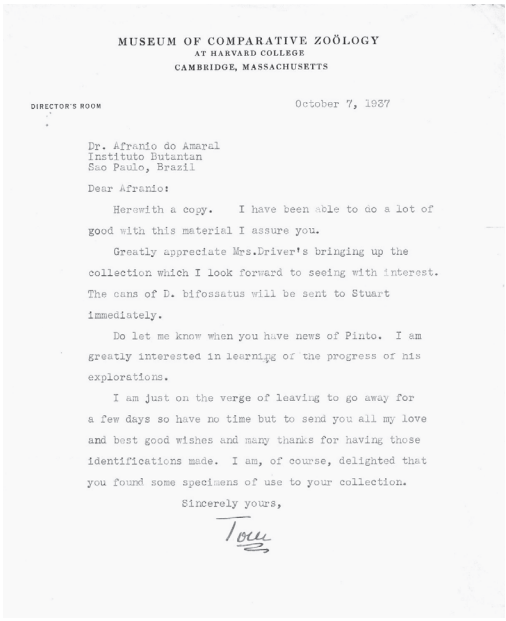
Will you please express to Dr. Pinto my great appreciation of the efforts which he has made in our behalf to secure Oxypelin and for the collection of birds, the list of which has been forwarded to me and on which I note at least ten of the very special things which we have been anxious to get for many years.

If Dr. Pinto is interested to make another trip you will of course kepp me in mind and let me know in case I may be of any service, for this mutual cooperation between our two museums is certainly of great benefit to us and I hope also to the M.P.

With warm regards to Lucia and the children, I am,

Your affectionate friend,

Tom



MUSEUM OF COMPARATIVE ZOÖLOGY
AT HARVARD COLLEGE
CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

DIRECTOR'S ROOM

October 7, 1937

Dr. Afranio do Amaral
Instituto Butantan
Sao Paulo, Brazil

Dear Afranio:

Herewith a copy. I have been able to do a lot of good with this material I assure you.

Greatly appreciate Mrs.Driver's bringing up the collection which I look forward to seeing with interest. The cans of D. bifossatus will be sent to Stuart immediately.

Do let me know when you have news of Pinto. I am greatly interested in learning of the progress of his explorations.

I am just on the verge of leaving to go away for a few days so have no time but to send you all my love and best good wishes and many thanks for having those identifications made. I am, of course, delighted that you found some specimens of use to your collection.

Sincerely yours,

Tom

Figura 2
Duas cartas (cartas n°1386 e 1387) de Thomas Barbour para Afrânio do Amaral. Algumas cartas oficiais eram identificadas também pelo timbre e outras só pela assinatura do remetente. Fonte: Acervo Instituto Butantan/ Núcleo de Documentação)

Fez o mesmo com os timbres das instituições e até mesmo com as marcas d'água nos papéis de carta já gastos e quase invisíveis. Vanzolini, sistemata e cauteloso, não deixava passar nada. Seus óculos, pois eram vários, segundo ele: *Quem tem um, não tem nenhum* e sua lupa de mão, sempre o acompanhavam.

Sobre os remetentes, Vanzolini fazia comentários pertinentes, mas também muitas vezes engraçados e sarcásticos. Thomas Barbour[6], conhecido por Tom, em assinatura identificada por Vanzolini, foi diretor do Museum of Comparative Zoology (MCZ), e sobre ele Vanzolini comentou: *Barbour era da Academia de Cuba, desfilava com toga azul, parecia o amante do Papa!* – seguido de risadas. Da mesma forma, ainda no início da pesquisa, quando vimos o nome completo de Afrânio, Vanzolini achou graça com o nome Pompilho, que lhe era desconhecido.

Neste contexto, e à medida em que começamos a perceber qual era o tom geral das correspondências, Vanzolini passou a comentar cada vez mais sobre os principais contatos de Afrânio do Amaral:

7
Johann Georg Wagler foi um Herpetólogo alemão assistente de Johann Baptist von Spix, sucendendo - o após sua morte como Diretor do Museu Zoológico da Universidade de Munique.

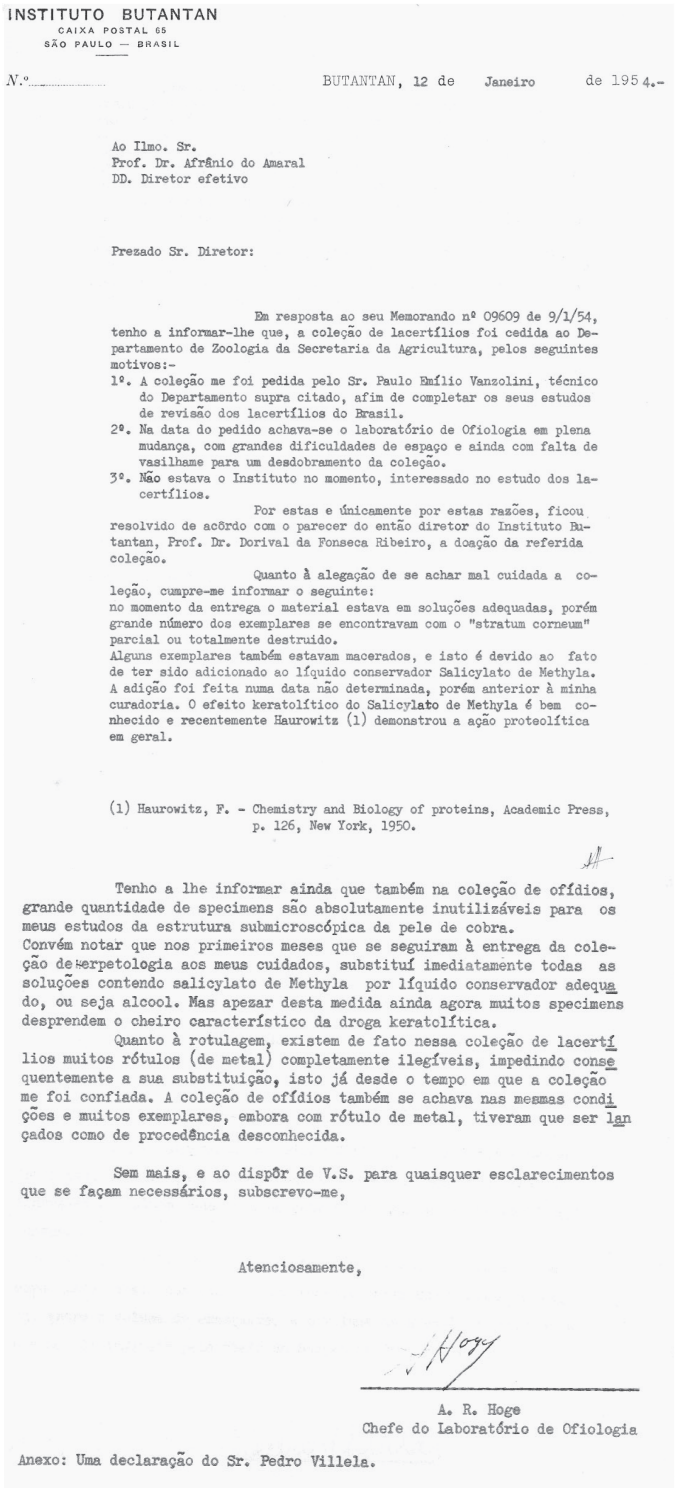
8
Olivério Pinto, ornitólogo brasileiro, descreveu dezenas de espécies de aves brasileiras. Foi Diretor do Museu Paulista, criador e editor das publicações científicas Arquivos de Zoologia e Papéis Avulsos que até hoje representam a produção científica da instituição.

Afrânio fez a tese dele sobre elefantíase, mas foi trabalhar com o Barbour do Museu de Harvard e depois com Stejneger do Smithsonian, que também foi chefe da Comissão de Nomenclatura Zoológica. Afrânio acabou substituindo ele nessa Comissão. Também trabalhou com as serpentes da América Central e em suas listas remissivas só descrevia serpentes não peçonhentas.

No entanto, de todas as lembranças que tinha desse grupo de pessoas, a mais viva era aquela que tinha do que foi possivelmente o único encontro profissional de Vanzolini e Afrânio do Amaral: um dia, Vanzolini queria ver um trabalho do Wagler[7] que só o Afrânio dizia ter em casa. Olivério Pinto[8], que era diretor do Museu Paulista na época, indicou e escreveu um bilhete recomendando Vanzolini a Afrânio. Vanzolini, então de posse desse bilhete, foi até a casa de Afrânio, na Rua Bela Cintra, no Bairro dos Jardins, em São Paulo. Afrânio nem o convidou a entrar, ele ficou esperando na porta. Em seguida trouxe um pedaço de papel com a referência anotada, o que fez Vanzolini questionar se ele tinha mesmo a tal publicação. Divertia-se ao contar esta passagem de sua formação, lembrando que, naquele momento, ele era apenas um aluno para Afrânio.

Passou pelas cartas que falavam dele também, pois sua passagem pelo Instituto Butantan, como estagiário e como interessado em seguir carreira na instituição, foi um marco importante em sua trajetória.

Vanzolini tinha um carinho especial por José Ribeiro do Vale (Dr. Juquita) e por Flávio da Fonseca, ex-diretores do Butantan que, segundo ele, eram cientistas sérios e pessoas de bem. Ele contou que após estagiar no Butantan, Alcides Prado não o quis na Seção de Ofiologia (hoje Herpetologia), sendo aceito para a Seção de Endocrinologia por Flávio da Fonseca, onde escreveu seu primeiro trabalho com *Bothrops alternatus* (urutu), chegando a trabalhar com a espécie no Instituto Butantan. Contou-nos que uma vez foi picado por uma urutu, quando se assustou com o barulho de uma porta batendo durante a alimentação do animal.



INSTITUTO BUTANTAN
CAIXA POSTAL 65
SÃO PAULO — BRASIL

N.º ..... BUTANTAN, 12 de Janeiro de 1954.-

Ao Ilmo. Sr.
Prof. Dr. Afrânio do Amaral
DD. Diretor efetivo

Prezado Sr. Diretor:

Em resposta ao seu Memorando nº 09609 de 9/1/54, tenho a informar-lhe que, a coleção de lacertílios foi cedida ao Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura, pelos seguintes motivos:-

1º. A coleção me foi pedida pelo Sr. Paulo Emílio Vanzolini, técnico do Departamento supra citado, afim de completar os seus estudos de revisão dos lacertílios do Brasil.

2º. Na data do pedido achava-se o laboratório de Ofiologia em plena mudança, com grandes dificuldades de espaço e ainda com falta de vasilhame para um desdobramento da coleção.

3º. Não estava o Instituto no momento, interessado no estudo dos lacertílios.

Por estas e únicamente por estas razões, ficou resolvido de acôrdo com o parecer do então diretor do Instituto Butantan, Prof. Dr. Dorival da Fonseca Ribeiro, a doação da referida coleção.

Quanto à alegação de se achar mal cuidada a coleção, cumpre-me informar o seguinte:
no momento da entrega o material estava em soluções adequadas, porém grande número dos exemplares se encontravam com o "stratum corneum" parcial ou totalmente destruido.
Alguns exemplares também estavam macerados, e isto é devido ao fato de ter sido adicionado ao líquido conservador Salicylato de Methyla. A adição foi feita numa data não determinada, porém anterior à minha curadoria. O efeito keratolítico do Salicylato de Methyla é bem conhecido e recentemente Haurowitz (1) demonstrou a ação proteolítica em geral.

(1) Haurowitz, F. - Chemistry and Biology of proteins, Academic Press, p. 126, New York, 1950.

Tenho a lhe informar ainda que também na coleção de ofídios, grande quantidade de specimens são absolutamente inutilizáveis para os meus estudos da estrutura submicroscópica da pele de cobra.
Convém notar que nos primeiros meses que se seguiram à entrega da coleção de herpetologia aos meus cuidados, substituí imediatamente todas as soluções contendo salicylato de Methyla por líquido conservador adequado, ou seja alcool. Mas apezar desta medida ainda agora muitos specimens desprendem o cheiro característico da droga keratolítica.

Quanto à rotulagem, existem de fato nessa coleção de lacertílios muitos rótulos (de metal) completamente ilegíveis, impedindo consequentemente a sua substituição, isto já desde o tempo em que a coleção me foi confiada. A coleção de ofídios também se achava nas mesmas condições e muitos exemplares, embora com rótulo de metal, tiveram que ser lançados como de procedência desconhecida.

Sem mais, e ao dispôr de V.S. para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários, subscrevo-me,

Atenciosamente,

A. R. Hoge
Chefe do Laboratório de Ofiologia

Anexo: Uma declaração do Sr. Pedro Villela.

Figura 3
Carta de A. R. Hoge (carta n°261) com declaração do laboratorista Pedro Villela para Afrânio do Amaral, citando P. E. Vanzolini como técnico do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura e a coleção de lacertílios.
Fonte: Acervo Instituto Butantan/ Núcleo de Documentação

INSTITUTO BUTANTAN
CAIXA POSTAL 65
SÃO PAULO — BRASIL

V.º

BUTANTAN, 12 de Janeiro de 1954.

DECLARAÇÃO

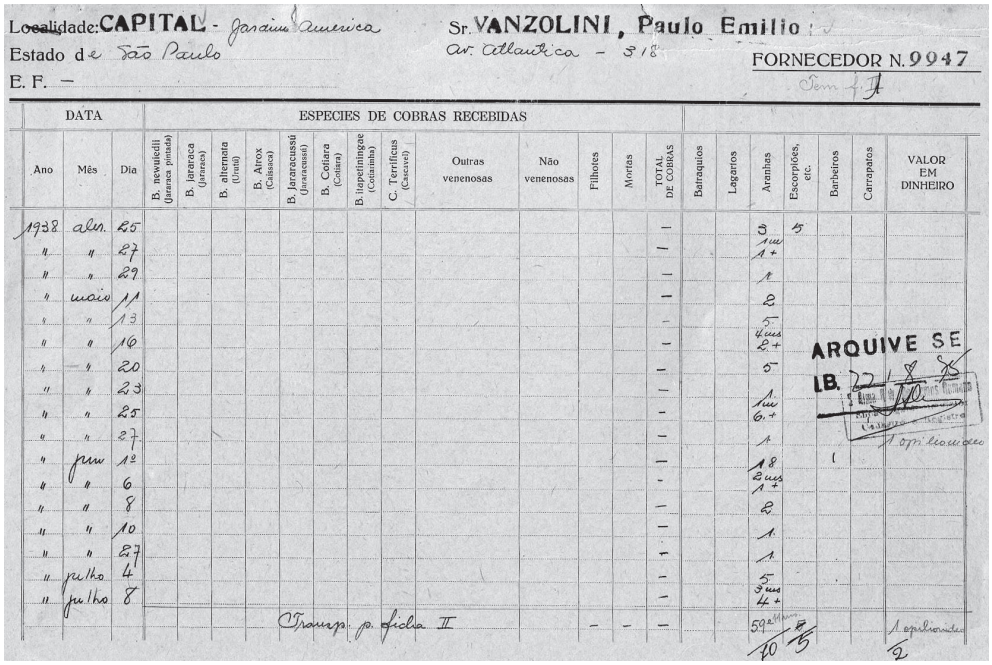
Eu, abaixo assinado, PEDRO VILLELA, laboratorista dêste Instituto, declaro para os devidos fins que a coleção de lagartos achava-se em solução adequada na data de sua saída do Instituto Butantan.

Tenho ainda a declarar que por falta de vasilhame, às vezes tinha especimens demais nos vidros, não podendo assim ser mantida a relação entre o volume de exemplares e o volume de alcool. Relação esta que me foi indicada pelo chefe da Secção de Ofiologia.

Pedro Villela

Pedro Villela

Nesta época o Butantan já lhe era familiar, pois quando tinha dez anos ganhou uma bicicleta de seu pai, que era Engenheiro da Escola Politécnica da USP, e como morava nas proximidades da Cidade Universitária, ia todos os dias à instituição ver as cobras no Serpentário. Dizia também que trazia numa caixa de fósforos aranhas, principalmente *Lycosa* para trocar por cobras e assim começou sua coleção, tornando-se um dos fornecedores de animais do Instituto Butantan. Em sua ficha estão registrados quantos e quais animais ele trazia ao Instituto. Essa ficha, entre outras tantas do Cadastro de Fornecedores de Animais, está catalogada em arquivos por ordem alfabética. Por ser parte do



Localidade: CAPITAL - Jardim America
Estado de São Paulo
E. F. —

Sr. VANZOLINI, Paulo Emilio
Av. Atlantica - 318

FORNECEDOR N. 9947

Tem f. II

DATA			ESPECIES DE COBRAS RECEBIDAS																			
Ano	Mês	Dia	B. newuiedii (Jararaca pintada)	B. jararaca (Jararaca)	B. alternata (Urutú)	B. Atrox (Caissaca)	B. jararacussú (Jararacussú)	B. Cotiara (Cotiara)	B. itapetiningae (Cotiarinha)	C. Terrificus (Cascavel)	Outras venenosas	Não venenosas	Filhotes	Mortas	TOTAL DE COBRAS	Batraquios	Lagartos	Aranhas	Escorpiões, etc.	Barbeiros	Carrapatos	VALOR EM DINHEIRO
1938	abr.	25													—			3	5			
"	"	27													—			1 m 1 +				
"	"	29													—			1				
"	maio	11													—			2				
"	"	13													—			5				
"	"	16													—			4 mes 2 +				
"	"	20													—			5				
"	"	23													—			1				
"	"	25													—			1 m 6 +				
"	"	27													—			1				1 opilionideo
"	jun	1º													—			18				
"	"	6													—			2 mes 1 +				
"	"	8													—			2				
"	"	10													—			1				
"	"	27													—			1				
"	julho	4													—			5				
"	julho	8													—			3 mes 4 +				
							Transp. p. ficha II						—	—	—			59 a 1 mes 10	5			1 opilionideo 2

ARQUIVE SE
LB. 22/8/38

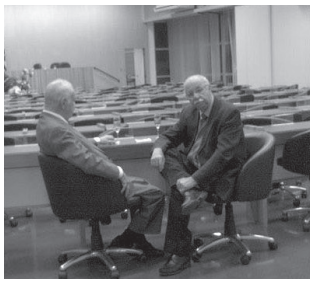
Figura 4
Ficha de registro de Paulo E. Vanzolini no Cadastro de Fornecedores da Recepção de Animais do Instituto Butantan.
Fonte: Acervo Instituto Butantan/ Núcleo de Documentação.

patrimônio da Herpetologia se encontra no Núcleo de Documentação do Instituto Butantan.

Vanzolini sempre gostou de bicho, na primeira visita ao Butantan se apaixonou e dos 10 aos 14 anos se profissionalizou em Zoologia no Instituto, dizia ele. Depois foi para o Instituto Biológico atraído pelos trabalhos de evolução e em Harvard foi que ele descobriu o que era Zoologia Moderna. Voltou dos Estados Unidos com muitas ideias causando frenesi na área, já que naquele tempo, Zoologia era *"botar nome nos bichos"*. Vanzolini era um grande fã de Wallace, que era um colecionador, mas nunca negou a contribuição de Darwin. A experiência dos dois foi quase a mesma, mas a teoria de Darwin já estava pronta quando soube das ideias de Wallace.

Sua preocupação com o Butantan se traduzia nos questionamentos constantes que fazia sobre o Instituto, a Coleção e a Herpetologia. Em nossas idas ao Museu de Zoologia da USP, deu várias duplicatas de separatas e livros, e sempre indicou referências de interesse para o Butantan.

Em 2008, doou sua biblioteca para o Museu de Zoologia da USP, em cerimônia que contou com a



Fotografia 4
Conversando com o amigo William Saad, antes da cerimônia de doação do seu acervo para o MZUSP, na Sala do Conselho Universitário, USP. Foto: MEV Calleffo, 23 de abril de 2008.

presença de colegas e amigos, como William Saad[9] (Fotografia 4). Vanzolini sempre comentava que seu acervo foi muito bem avaliado comercialmente, mas que o fez pensando no museu. O dinheiro ganho com a música ajudou na compra de muitos livros.

O interesse por zoologia de vertebrados levou Vanzolini a cursar a Faculdade de Medicina, onde tinha um ótimo curso de anatomia. Ainda nos tempos da medicina no Hospital das Clínicas onde frequentava, Vanzolini foi contratado, na disciplina do professor Munhoz Cintra, para fazer trabalhos de estatística para os médicos, William Saad o ajudava e anos mais tarde acabou assumindo a disciplina. Vanzolini diplomou-se em 1947, um ano antes de seu colega e amigo Isaias Raw, com quem, trabalhou na criação da FAPESP e no Projeto de Lei (GR/USP N° 81 de 11 de dezembro de 1961) da criação da UNICAMP. Saad também acompanhou Vanzolini no processo de elaboração da lei da FAPESP.

No final da década de 1940, embarcou com a primeira esposa para os Estados Unidos e lá se tornou Doutor em Zoologia, pela Universidade de Harvard, abandonando de vez a Medicina, sem nunca ter clinicado. Ao retornar ao Brasil, fez sua carreira inteira na Universidade de São Paulo, sempre se relacionando com as outras instituições que mantinham pesquisa sistemática na mesma área que a sua.

Vale lembrar que a zoologia brasileira se estabeleceu no começo do século XX, fundada nos catálogos do Museu Britânico que incorporavam a contribuição dos viajantes. Para Vanzolini, as viagens dos primeiros naturalistas resultaram em um rápido conhecimento da fauna brasileira. Os vertebrados do Brasil estavam mais bem cadastrados do que, por exemplo, os vertebrados americanos (Vanzolini, 1996). Vanzolini tinha uma admiração pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que realizou uma vasta viagem no século XVIII percorrendo o interior da Amazônia até ao Mato Grosso, localidades que ele também passou. Vanzolini comentava que durante a expedição, Alexandre descreveu a agricultura, a fauna, a flora e os habitantes locais, o que de fato um zoólogo deve retratar para entender o ecossistema. O naturalista, em seu *Diário*

9
William Saad, conhecido por seu trabalho em Bioética é médico cirurgião, formado pela USP, e foi um dos fundadores da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu da qual é professor emérito.

Fotografia 5
Participação de P. E. Vanzolini na arguição da Tese de Doutoramento de Suzana C. G. Fernandes, na FFLCH/ USP.
Foto: MEV Calleffo, 2011.

da Viagem Filosófica, inventariou a natureza, as comunidades indígenas e seus costumes, avaliou as potencialidades econômicas e o desempenho dos núcleos populacionais. Foi a mais importante viagem durante o período colonial.

Comentários Finais

Nossas idas à casa de Vanzolini, antes de tudo eram aprendizados. Aprendizados de vida, de histórias e estórias, de ciências, de vivências e convivências, e, sobretudo de amizade e moral. Vanzolini foi um mestre dedicado e atencioso, mas principalmente um homem disposto a passar seus conhecimentos a alunas interessadas em assuntos diversos. Nós, Suzana, historiadora vinda da arqueologia e Myriam, bióloga, também com passagem na arqueologia, onde nos conhecemos, tínhamos interesses comuns, mas nem sempre. Fascinadas em conversar e discutir com ele, nos empenhamos para fazer um bom trabalho e aproveitar o melhor dele. Devido a forte ligação de Myriam com o Butantan, desde a época de estagiária, quando também estagiou com ele no Museu de Zoologia da USP, criando um vínculo em que o Butantan era central. Vanzolini foi quem iniciou Myriam na herpetologia, além de ter sido um grande motivador de estudos sobre a história do Instituto Butantan, que tanto conhecia.

Por isso, muitos assuntos discutidos nas cartas de Afrânio eram por nós comentados a respeito de espécies, de zoólogos, instituições, pesquisadores herpetólogos, etc. Suzana se interessava mais pelas questões sociais e pelos contextos históricos, pelo Afrânio enquanto diretor e, assim, Vanzolini se desdobrava para atender às nossas necessidades e suas próprias curiosidades. Vanzolini achou o trabalho com as cartas relevante, pois revelou os trâmites de Afrânio dentro e fora do Instituto. Como mestre e amigo, sempre aconselhou Suzana sobre sua tese de doutoramento, Vanzolini sugeriu que não enaltecesse a figura de Afrânio, que fosse justa no conteúdo de sua dissertação. Esteve presente nas discussões finais, lendo e revisando a tese de Suzana com comentários, inclusive no dia de sua arguição (Fotografia 5).

Sabíamos que a paixão de Vanzolini ia além do museu. Ele sempre dizia que ficar velho o chateava por dois motivos: não poder mais viajar e perder seus amigos contemporâneos. Em 2008, entramos no projeto Butantan Amazônia no âmbito do INCTTOX[10] Como Vanzolini trabalhou muito tempo em campo e dirigiu a Expedição Permanente da Amazônia, executada pelo Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Governo do Estado de São Paulo, nós nos aproximamos mais ainda de suas lembranças. Para Vanzolini o dia na Amazônia: "Ou se está viajando de barco, ou procurando bicho no mato, ou se está na rede. É importante descansar!". Vanzolini discorria sobre suas viagens na mesa da Juriti ou na hora do café em sua casa. Morou em Oriximiná enquanto construiu seus barcos, Lindolpho Guimarães e Garbe em 1967, e viajou por vários afluentes do Amazonas, conhecendo a intimidade da população ribeirinha e coletando informações, vestígios arqueológicos e fauna. Cada viagem que nós fazíamos, discutíamos com ele sobre a metodologia e as paragens. Em Santarém, foi amigo de Zeca BBC[11], que tinha uma oficina mecânica de barcos e era pai de seu também amigo Márcio Ayres, biólogo que estudou os primatas da Amazônia e idealizou a criação da

10
Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Toxinas (INCTTOX).

11
Durante a Segunda Guerra Mundial, Zeca era um dos poucos habitantes de Santarém que possuíam aparelho de rádio, e vivia ligado no jornal da guerra, escutando as notícias pelas ondas médias da BBC de Londres. Ao acabar o noticiário, ele já saía espalhando pela cidade as novidades. Por isso, o apelido lhe caiu como uma luva. Surgiu a Oficina Mecânica BBC, o Estaleiro BBC de Construção Naval e, na política, quando foi candidato a vereador, sua chapa de votação tinha os registros de José da Costa Pereira, e o de Zeca BBC, como era mais conhecido. Foi eleito com votação arrasadora e quase sem sair de casa.

reserva de Mamirauá há 600 km oeste de Manaus. Por ocasião da 64° Reunião da SBPC, em São Luís do Maranhão, visitamos o stand do Instituto Mamirauá e adquirimos material sobre o Instituto e a Reserva Mamirauá, o qual presenteamos Vanzolini com um livro ilustrado sobre os projetos do Mamirauá iniciados por seu amigo Márcio, falecido em 2003. Coincidência ou não, em 2011, Cristovam Sena, como parte do Projeto Memória Santarena do Instituto Cultural Boanerges Sena, lançou um livro em homenagem ao Zeca BBC de Santarém, na comemoração aos 350 anos da cidade. Vanzolini recebeu o livro com dedicatória do Cristovam por nossas mãos. Desde a primeira vez que mostramos as fotografias das viagens, Vanzolini se emocionou conosco ao ver a vila de Álter do Chão, localidade na beira do Tapajós, oeste do Pará, na qual ele trabalhou anos atrás, antes da paisagem urbana devastar o cenário bucólico de sua mente. No rio Trombetas, Vanzolini esteve nos tabuleiros das tartarugas e numa das viagens a Oriximiná foi acompanhado pelo antropólogo Eduardo Galvão. José Cláudio[12], em seu diário de viagem ao Amazonas, descreve uma situação em que Vanzolini, junto com a tripulação do barco e com seus colegas Chica, Heyer e esposa, limpa um jabuti que é preparado pelo cozinheiro. Zé Claudio estava em uma das viagens pelo rio Madeira, onde o barco de Vanzolini foi confiscado e retido em Porto Velho. Foi aí que Zé Claudio, então, aproveitou para pintar. As telas produzidas nessa viagem foram vendidas por um marchand para o Governo do Estado de São Paulo e estão expostas no Palácio do Governo. Heyer levou uma das telas para o Museum of Natural History, da Smithsonian Institution, Washington.

Visitamos e trabalhamos em várias localidades em que ele esteve, Manaus, Belém, Santarém, Óbidos, Oriximiná, Faro, Alter do Chão, comunidades do Tapajós e do Trombetas... aquela população da Amazônia de fato foi muito bem retratada no documentário "No Rio das Amazonas"[13], produzido pelo cineasta e amigo Ricardo Dias com a participação de Vanzolini.

O mais importante e formidável de toda nossa pesquisa foi a convivência com Vanzolini, *Um*

12
José Claudio da Silva é pintor, desenhista e artista Pernambucano. Na década de 1970 viajou com Vanzolini pela Amazônia onde pintou e rabiscou diversos momentos, animais e personagens da viagem.

13
Documentário de 76 minutos na Amazônia, de Belém a Manaus, que trata particularmente da ecologia da região, com ênfase no modo de vida das populações ribeirinhas do baixo Amazonas, produzido em 1995, pelo cineasta e amigo Ricardo Dias. Distribuição Superfilmes.

Homem de Moral a quem agradecemos as incansáveis horas de trabalho, de amizade e de lazer.

Agradecimentos

Agradecemos a Ana Bernardo por sua hospitalidade, carinho e atenção em nos receber semanalmente, fazendo de sua casa nosso local de trabalho. A Cibele C. Barbarini, pela leitura e sugestões e, em especial ao Professor Vanzolini, nosso querido mestre pela orientação e amizade e principalmente pelas horas de discussões, entenda-se aqui bate-papos, intervenções científicas e *amenidades* como ele mesmo diria.

Referências

Amaral A. *Serpentes do Brasil: Iconografia Colorida/ Brasilian Snakes: a Color Iconography*. São Paulo: Melhoramento/MEC/EDUSP. 1977.

Carvalho JCM. *Viagem filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1783-1793)*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1983.

Cavalcante I, Costa VR da, Shellard RC. Paulo Emílio Vanzolini. *Canal Ciência* [internet]. [1996]. Acessado em: 11/02/2014. Disponível em: http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/paulo_emilio_vanzolini_49.html

Correspondências de Afrânio do Amaral: 1800 cartas (período de 1910 a 1980/Acervo IBu)

Éleres P. Relato barcos. *Revista Pesquisa FAPESP* [internet]. [2013] Acessado em 10/03/2014. Disponível em: http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2013/06/Relato-Barcos.pdf

Fioravante C. Olhar aberto sobre a biodiversidade. *Revista Pesquisa FAPESP*. n(208), jun./2013.

Fernandes SCG. *O Instituto Butantan de 1928 a 47: estratégias científicas e a busca de um modelo institucional para a saúde*. [Tese] Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de Historia da Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

Fernandes SCG, Calleffo MEV. Correspondências de Afrânio do Amaral: resgate de uma trajetória acadêmica. In: resumos. *III Congresso Brasileiro de Herpetologia*. Belém (PA), 2007.

Fernandes SCG, Calleffo MEV. Afrânio do Amaral. Ciência e Política. In: Magalhães LE (org.) *Humanistas e Cientistas do Brasil*. São Paulo: SBPC. (no prelo).

Ferreira AR. Diário da Viagem Filosófica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 1887.

Marques F. William Saad Hossne: O guardião da bioética. *Revista Pesquisa FAPESP*. [internet] [ago./2013] Acessado em: 20/04/2014. Disponível em: revistapesquisa.fapesp.br/2013/08/13/william-saad-hossne-o-guardiao-da-bioetica/

Silva JC. Diário de uma Viagem ao Amazonas por José Claudio (desenhos, diários e ilustrações). *Terra Magazine* [internet]. [2008] Acessado em 21/04/2014. Disponível em: http://mydailysketchbookblog.wordpress.com/2008/06/11/diario-de-uma-viagem-ao-amazonas/

Soto U. *Cartas através do tempo – o lugar do outro na correspondência brasileira*. Niterói (RJ): EDUFF, 2007.

Vanzolini PE. Brasil dos Viajantes. A contribuição Zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil. *Revista USP*. n(30), jun.-ago./1996.

Varella D. Paulo Vanzolini: Brilhante na ciência e na música. [internet]. Acessado em 20/02/2014. Disponível em: http://drauziovarella.com.br/audios-videos/estacao-medicina/paulo-vanzolini/